



Vamos celebrar PAULO VANZOLINI!

CENTENÁRIO DO COMPOSITOR, QUE ERA ZOÓLOGO DE FORMAÇÃO, É COMEMORADO COM SHOW NO SESC SANTANA DE SÃO PAULO

» EVANDRO ÉBOLI

O país passou batido e desperdiçou uma boa oportunidade para lembrar, celebrar e fazer conhecer o talento de um peculiar artista, que produziu, nas suas horas vagas — seu ofício era outro —, uma vasta obra, com um repertório de canções de muitas dimensões. Paulo Vanzolini, zoólogo de formação, faria 100 anos na última quarta-feira.

O **Correio** acompanhou uma das poucas iniciativas de jogar luz na extensa produção do compositor, no belo *Vanzolini 100 anos: sacode a poeira*, realizado no Sesc Santana, em São Paulo, na semana passada. No palco, para lembrar suas canções líricas, de desfecho trágico também, a boemia e a noite da capital paulista ao bucólico do interior juntaram nomes representativos, como o cantor e compositor Eduardo Gudín, que foi parceiro do

homenageado e a voz consagrada de Mônica Salmaso. E um grupo de músicos escolhidos igualmente a dedo, que passarão por esse texto.

Permearam as canções, boas histórias reveladas especialmente por Gudín, que conviveu de perto com o zoólogo, que não gostava de ser importunado quando estava lecionando na USP. Gudín, muito carinhosamente, contou da transição do “médico para o monstro”, que se dava após o expediente da labuta docente, quando Vanzolini trocava o “jaleco empoeirado de giz” por um terno. O passo seguinte era abrir um armário, tirar uma garrafa de aguardente e bebericar um gole para começar a noite.

Gudín conta como compôs com o parceiro a canção *Mente*, gravada por Clara Nunes. Precisou interromper Vanzolini no trabalho. Temeroso, ligou e já foi logo avisando, para não levar uma bronca, que a cantora renomada estava interessada em gravar, mas era preciso acrescentar um trecho na letra.

“Ter citado a Clara Nunes me poupou de levar um pito. Ela me pediu para ligar em cinco minutos. Aguardei 15, foi mais prudente”, contou Gudín no palco. E deu certo “apelar” à cantora, foi atendido no pedido.

Sucesso de tocar em rádio, Vanzolini fez duas, que são *Ronda* e *Volta por cima*. Injusto resumir a excelência do compositor a essas duas obras. Há muito mais, que pode ser conhecido na antológica caixa de quatro CDs, *Acerto de*



Eu fiz *Volta por cima* como se faz um samba. E foi interpretado aí como se fosse uma espécie de psicoterapia. Então, eu recebo cartas de pessoas me falando que essa música mudou a vida delas. Isso é pavoroso para mim.



Eu não sou psiquiatra. Sou zoólogo e sambista. E negócio de *Volta por cima* não foi feito pra tratar ninguém”

Paulo Vanzolini, em depoimento exibido no show

contas, que reúne 52 canções com vários intérpretes.

Um trecho desses clássicos, que é parte de um muito difundido refrão, batiza o espetáculo. No show, é exibida uma saborosa declaração para este “levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”, versos que de forma surreada e recorrente são tratados como uma mensagem para as pessoas reagirem a situações adversas da vida. O autor jamais teve essa intenção, é o que conta.

“Eu fiz *Volta por cima* como se faz um samba. E foi interpretado aí como se fosse uma espécie de psicoterapia. Então, eu recebo cartas de pessoas me falando que essa música mudou a vida delas. Isso é pavoroso para mim. Eu não sou psiquiatra. Sou zoólogo e sambista. E negócio de *Volta por cima* não foi feito pra tratar ninguém”, diz depoimento de Vanzolini em uma entrevista, exibida no show.

A cantora Roberta Oliveira, que dividiu o palco com Mônica, já esteve no mesmo ambiente que Vanzolini, num bar onde cantava. O autor a viu cantar *Mente* e contou a experiência desse encontro.

“Depois que terminei de cantar, ansiosa, ele bateu uma palma tímida, com os pulsos juntos. Aquela palminha curta. E disse para mim: ‘nossa, o Vanzolini não gostou’. E saí. Alguém que estava com ele foi atrás de mim e disse o contrário, que ele gostou muito. Mas, perguntei: ‘e aquelas palminhas?’. E ouvi: ‘é o máximo que ele consegue’”.

Idealizador e diretor artístico do show, o jornalista e

produtor Alessandro Soares fala dessa diversidade da obra de Vanzolini, o lado das histórias urbanas, do lírico e dos versos de amor e do cronista social, mas também o lado trágico e dramático de suas letras. A boemia, os bares e até do uso do humor são outras presenças.

“Paulo Vanzolini tem uma obra muito rica e diversa. Tem aquele final trágico de *Ronda* (‘cena de sangue num bar na avenida São João’). Tem a canção *José*, do homem que morreu de saudade, que tem um lado engraçado. O lado afetivo é muito presente no trabalho dele”, disse Soares ao **Correio**.

O diretor fala do caráter urbano e também rural da criação de Vanzolini. A que a mais remete ao universo do interior é a conhecida *Cuitelinho*, tema recolhido por Antônio Carlos Xandó e que Vanzolini adicionou versos. Mônica Salmaso a entoa no show, num arranjo de harmônicos para dois violões de Paulo Aragão, tocado por ele e Carlos Chaves, integrantes do quarteto Maogani.

“Essa canção, *Cuitelinho*, é diretamente uma música caipira, com aqueles versos de linguajar interiorano na fala e grafia, no final das estrofes. Os casos do ‘atrapaia’, ‘navaia’ e ‘espaia’”.

Também participaram do show as percussionistas Gisah Silva e Simone Gonçalves, o violonista Guilherme Lamas (7 cordas) e o flautista Leandro Tigrão.

Show em homenagem a Paulo Vanzolini: participações especiais de Eduardo Gudín, Mônica Salmaso e Roberta Oliveira



QUEM FOI O COMPOSITOR

Paulo Vanzolini foi um zoólogo respeitado, um cientista, que dirigiu por mais de 40 anos o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (USP). Fez especialização em Harvard. Em 2008,

fez a doação do acervo de sua biblioteca, com mais de 25 mil itens, ao museu, com muitas obras raras, periódicos e mapas. O valor estimado era de US\$ 300 mil, ou R\$ 1,5 milhão.

Vanzolini se enveredou pela música sem nada entender de melodia, partitura e não tocava nenhum instrumento. Cantava desafinado. Ainda assim, deixou uma obra do melhor samba

paulista e outras variações de canções.

O primeiro sucesso de Vanzolini foi *Ronda*, lançado por Inezita Barroso. Em seguida veio *Volta por cima*, em 1962, gravado pelo cantor

Noite Ilustrada. Foi um colecionador de parceiros, embora parecia não precisar deles, já disse Eduardo Gudín. Vanzolini morreu aos 89 anos, em abril de 2013.

